

FORMAS HISTÓRICAS DA ATIVIDADE MISSIONÁRIA

01. Missão e Reino de Deus. Existem pelo menos três maneiras de enxergar e avaliar a atividade missionária: em função da salvação, em função de implantar a Igreja, em função de realizar o Reino de Deus. A terceira chegou por última, pelo Concílio Ecumênico Vaticano II, mas nos parece a mais certa e apropriada, pois engloba todas as outras possíveis e, num certo sentido, as endossa. A meta do Reino de Deus é tão grande, tão global e tão inclusiva que divide as atividades humanas em somente duas classes : as que visam o Reino de Deus e as que o contrastam; as que fazem avançar o Reino de Deus e as que o impedem de proceder. Aqui se pretende falar das atividades humanas que, ao longo de dois mil anos de história cristã e sem excluir os milênios que a prepararam, foram pensadas e executadas em vista do Reino de Deus. Também aquelas que foram empreendidas sem ter uma suficiente consciência do que seria o Reino de Deus e a sua justiça? Também, pois tudo o que na realidade favorece o Reino de Deus não pode vir que da graça de Deus e, então, daquela onda misteriosa que partiu da Trindade e, atravessando séculos e mundos, levará ao Reino definitivo toda criatura que o tiver merecido. Mas podemos chamar de missionárias atividades que nunca foram vistas nesta luz tais como os DIALOGOS de Platão, as conquistas da medicina e outras ciências e a transformação do planeta terra num só povoado?

É fora de dúvida que estas atividades melhoraram a condição humana sobre a terra e a convivência entre todos nós e, embora possam ser aproveitadas contra o bem da humanidade e a vinda do Reino, elas mantêm uma forte tensão para o Reino de Deus e a sua justiça. Vendo-as como passos positivos, como tentativas de juntar a terra com o céu, acredito que podem ser enxergadas na luz que procede da missão. Se não são missionárias em sentido específico, o são em sentido pelo menos genérico e, a partir daí, podem contribuir a revisar e reformar o próprio conceito de missão e atividade missionária. Irmãos, com o mundo tão pequeno que temos hoje e que o papa João Paulo percorreu como se fosse uma paróquia, servindo-se das conquistas da ciência e da tecnologia, parece um sacrossanto dever ampliarmos os nossos horizontes e procurarmos binóculos mais adequados para investiga-los. É quanto tentaremos fazer ao longo desta reflexão, pelo menos num plano de suposições e hipóteses.

02. Missão como sair e andar. A missão sempre implicou e implicará em sair, abandonar, deixar, soltar as amarras, desenraizar-se. É aquilo que foi pedido a Abraão, a Moisés e Israelitas no Egito, a Elias e Jonas. É aquilo que Cristo fez na hora de chegar entre nós e equivale a um negar-se, aniquilar-se para ser

outro, algo novo e diferente, embora imprevisto. Mas o sair não basta. O sair tem que virar andar, aventurar-se sem saber onde fica a meta, enfrentar o

-02-

deserto, pular no escuro ou entregar-se ao fluxo do mar. Sair e andar são os dois lados de uma só decisão e constituem uma condição indispensável do compromisso cristão. Sem êxodo não há cristianismo, afirma o teólogo Bruno Forte (1). Então, sem êxodo não há missão cristã, não há caminho que leve ao Reino. Encontramos este sair/andar na vida de Jesus. Na sua descida das estrelas, na fuga para o Egito, no retirar-se ao deserto, nas suas caminhadas através da Palestina e regiões próximas, no seu retorno a Jerusalém para encontrar a paixão e a morte. Sem esquecer o sair de Matheus do banco dos impostos, o abandonar as redes e o pai de João e Tiago, os ATOS DOS APÓSTOLOS são por natureza atos de andar ou associados ao andar, sobretudo no que diz respeito a Felipe, Pedro, Paulo, Bárnabas, Marcos, Lucas e, segundo tradições populares, Tomás e outros.

Já nos primeiros séculos da história cristã, encontramos o sair/andar dos monges que procuravam na solidão do deserto um lugar adequado para viver na penitência as conseqüências de uma dramática conversão e se tornarem evangelizadores. No século quarto e quinto vários monges atravessam o império para converter povos e povoados: Martinho parte da Hungria para chegar ao norte da França, Patrício passa da Inglaterra à Irlanda, Columba da Irlanda à Itália setentrional, Frumêncio do Egito à Etiópia.

No mesmo século V, alguns representantes da heresia ariana –monges ou bispos- evangelizam tribos germânicas e, entre elas, a que se chamará dos Longobardos e invadirá a Itália setentrional, enquanto, cem anos depois, monges nestorianos levam a fé cristã até à Ásia Central e à China. No fim do século VI, Gregório Magno manda quarenta confrades beneditinos a evangelizar a Inglaterra. Uma vez chegados ao canal da Mancha, os monges ouvem falar de atrocidades que na Inglaterra se cometem e nas quais podem cair e decidem de não atravessar. Interrogado por Agostinho, chefe da expedição, por meio de carta, Gregório responde que precisa prosseguir a viagem a todo custo e devem ser submetidos a uma espécie de flagelação os que se recusam a levar a termo o programa. Nos séculos a seguir outros beneditinos evangelizarão as terras do norte do Império até serem considerados fundadores da Europa.

A história da ordem franciscana é pouco conhecida nos seus aspetos missionários, mas merece ser assinalada por nós. Não somente porque o próprio Francisco quis ir até ao Egito para converter os muçulmanos e ficar bem aceito ao sultão do lugar (2), mas porque o sair/andar fazia parte da sua

visão da vida cristã e da confiança na providência divina. Os franciscanos não deviam ter nem casa nem convento, deviam morar na rua, trabalhar com os camponeses da área e comer seu pão junto às fontes de água (3).

-03-

Na linha e no espírito de Francisco, entre os séculos XIII e XIV encontramos alguns dos maiores missionários de todos os tempos, tais como João de Pian Del Carpine, Odorico de Pordenone, João de Montecorvino, Guilherme de Ruisbruck. Estes atravessaram a pé o emisfério norte, partindo de Lião, na França, e chegando até à Armênia, ao Reino dos Tártaros na Ásia Central, à Mongólia, à China e à Indonésia. Um deles foi criado pelo papa primeiro arcebispo de Pequim (4).

O último dos grandes caminheiros missionários é o próprio patrono de todas as missões católicas e se chama Francisco Xavier. De navio e a pé visitou e atravessou a Índia, Malaca, as Ilhas da Sonda, as Molucas e o Japão. Devia chegar também ao Brasil e comandar o primeiro grupo de Jesuítas em lugar de Manoel da Nóbrega, mas a ordem de Inácio chegou a Sancio após a morte do grande missionário (5). Alguém sugere que, se comandados por Francisco Xavier, os Jesuítas portugueses teriam tido no Brasil atitudes menos favoráveis ao Império de Lisboa e mais favoráveis à independência da Igreja e dos próprios povos indígenas. Pois Francisco já tinha dado sinais de dura reprovação aos interesses tanto econômicos quanto políticos de portugueses e castelhanos com os quais se tinha encontrado.

Termino este primeiro tema de história missionária lembrando que parece difícil aos brasileiros tanto o sair quanto o andar. Certamente o sair e o andar que constatamos na história passada, mas será que foram aquelas as únicas maneiras de sair e andar? O mundo mudou muito e o sair e o andar também podem ter mudado muito. Cabe aos brasileiros encontrar a sua maneira de sair e andar, uma maneira que seja exclusiva deles e que poderia constituir uma novidade para a Igreja universal (6).

03. Missão como batizar. Conhecemos duas maneiras de batizar e ser batizados. Uma que poderíamos chamar de jurídica e uma outra que poderíamos chamar de teológica. A primeira confere o direito à salvação, à entrada franca no paraíso, qualquer seja a pessoa que recebeu água na cabeça. A segunda vai muito além deste mecanismo salvífico, pois ela concede aos que se prepararam adequadamente um novo nascimento, uma nova natureza. Esta segunda maneira não se contenta em lavar e purificar a pessoa humana, mas a introduz num novo sistema de vida e, precisamente, no sistema

trinitário, pois o batismo que o próprio Jesus entendia nos torna irmãos dele e nos coloca ao lado dele. “Eu te mergulho no poder, na força, na vivência do Pai, Filho e Espírito Santo” (7). Por este tipo de batismo, bem mais de acordo com a Bíblia e a teologia, nós assumimos também a missão de Jesus que é a de envolver a humanidade inteira numa vida de igualdade, comunhão de bens

-04-

e fraternidade que reflita a convivência das três pessoas divinas. Para simplificar ainda mais, diria que a primeira maneira de batizar retoma a fórmula de João Batista (batismo de penitência), enquanto a segunda apela para o batismo que o próprio Jesus recebeu e que o Pai do Céu se encarregou de outorgar (batismo de Espírito Santo ou de missão). Querendo aplicar as duas teorias a casos concretos, diria que adotamos a primeira fórmula quando batizamos crianças que não tem condição de entender e assumir o projeto de vida cristã, a missão de Jesus e de cada seu irmão. Adotamos a segunda fórmula quando batizamos adultos convertidos que se dispõem a assumir o projeto de Deus e a levá-lo para frente a custo da própria vida. A primeira maneira de encarar e avaliar o batismo deve ter existido também nos primeiros tempos da Igreja, mas se tornou urgente e quase um dever no século XVI, sobretudo nas colônias portuguesas e castelhanas. Enquanto perdíamos a Europa do Norte com o surgimento do protestantismo, devíamos provar que o catolicismo estava crescendo nos países ultramarinos da Ásia, África e América. É a partir desta preocupação que foram atribuídos a Francisco Xavier milhões de batizados até o ponto do seu braço ficar paralisado. No Brasil, tal negócio parece ter funcionado ainda melhor, pois cada novo batizado representava novo oxigênio tanto para a Igreja quanto para o Império. Aqui só podia haver católicos e batismos católicos, pois o rei de Portugal era responsável pela Igreja toda e o seu império se identificava nada mais nada menos com o Império de Cristo (8).

Eu mesmo, uns quarenta, cinquenta anos atrás, conheci missionários que tinham batizado, nos hospitais da China ou da Índia, centenas de budistas, muçulmanos ou hinduístas, mas secretamente para não dizer enganosamente. Levavam no bolso uma galheta de água e, na hora em que ninguém apreciava, batizavam moribundos de qualquer idade, tanto crianças quanto adultos (9). Havia um reflexo destas práticas na pregação que os missionários desenvolviam junto às paróquias católicas da Europa. Na hora de pedir subsídios e recursos financeiros, os missionários apelavam para a quantia em dinheiro que cada batismo teria exigido.

Insisti um pouco neste caso do batismo mecânico (jurídico ou mágico), porque parece ter dominado a história das missões católicas (e evangélicas) e deveria ser finalmente superado. Mas a coisa não é tão simples assim. Devemos evitar a magia sim, de todas as maneiras, mas devemos ao mesmo tempo constatar que por baixo de aparências mágicas pode haver uma fé que move as montanhas. Há famílias que pedem o batismo sem querer saber de cursos ou doutrinas, mas isso não quer dizer que tenham uma fé falsa ou

inferior em relação a fé oficial da Igreja. Os métodos que portugueses e castelhanos utilizaram para trazer a fé até aqui são discutíveis e sempre o serão, mas isso não impediu que trouxessem para cá uma fé autêntica, profunda e inabalável. É prova disso o que vemos e tocamos com mão na população do Brasil e de toda a América Latina.

Que dizer pois da tentada identificação entre império português e/ou castelhano e império de Cristo? Antes de tudo podemos observar que isso não se dava pela primeira vez. Havia já uma forte tradição a favor desta tendência nos primeiros 1500 anos de história do cristianismo. Os casos de Constantino e seus sucessores, de Carlos Magno e de Estevão de Hungria, de Henrique VIII e sucessores na Inglaterra e dos próprios príncipes alemães que tinham criado o protestantismo, rebelando-se a Carlos V, falavam claro e pareciam exigir uma indiscutível continuidade. Em segundo lugar devemos constatar que a tal tendência morreu de morte natural e muito dificilmente poderá ressuscitar e nos restaria tirar de tudo isso uma orientação que sirva para o futuro. Ela poderia ser a seguinte: nenhum reino, nenhum império ou instituição humana (inclusive a Igreja ou as Igrejas) tem condição de identificar-se com o Reino de Deus, ao mesmo tempo em que qualquer força humana e mesmo inimiga do Reino de Deus pode contribuir, querendo ou não querendo, para a sua realização.

04. Missão como anunciar, pregar, ensinar. “Ide e anunciai” tinha dito Jesus e não podia ser que assim. A missão não podia consistir em sair e andar, embora o sair e o andar fossem dois seus pré-requisitos indispensáveis. Que missão teria sido se não anunciava a pessoa de Cristo senhor e salvador? Que missão teria sido se não anunciava o Reino, a sua vinda e a conveniência de aceita-lo? Que missão teria sido se não tivesse anunciado uma nova maneira de pensar, viver e se comportar em relação a Deus e suas propostas e promessas? O anúncio era inerente à atividade missionária como as asas ao pássaros, como a luz ao sol. O anúncio que os primeiros cristãos jogavam na cara de gregos e romanos (“Só Jesus é o senhor”) fazia tremer o império, pois era um anúncio profético e ameaçador. Era um anúncio que metia em crise homens e estruturas da sociedade, poderes e culturas considerados inabaláveis até àquele momento. Quem dera que aos nossos dias tivéssemos condição de armar anúncios que se parecessem com o “kérigma” da Igreja primitiva. Quem dera que conseguíssemos abalar juizes e policiais corruptos com anúncios religiosos breves e cortantes à maneira do “kérigma”. Quem dera que conseguíssemos meter em fuga empresários e políticos corruptos com ditados

religiosos breves e diretos à maneira dos ditados de Jesus e dos missionários (os cristãos todos) dos primeiros tempos.

Mas o “kérigma” não podia esgotar a exigência de anunciar. O próprio Jesus não se tinha contentado com máximas breves e fulgurantes. Tinha apresentado seu projeto por meio de parábolas, discursos e conversações fraternas e se tinha comportado em maneira tal que os livros do mundo inteiro não teriam bastado a dar cobertura a todos os seu dizeres, gestos e atividades. Por tudo isso a missão e as atividades missionárias comportam, além do anúncio e da pregação direta, o estudo, a reflexão, os tratados de sabedoria, filosofia e teologia, as escolas e as universidades, as bibliotecas e as enciclopédias, as artes figurativas e os meios de comunicação social...

Como poderíamos compor uma lista correta e exaustiva de todos os mestres que iluminaram o mundo e a história em vista da missão e do Reino de Deus sua meta? Acho que seria oportuno começar pelos grandes mestres da humanidade que não podem ser reduzidos a Moisés, Elias e Isaías. Já Clemente de Alexandria afirmava, no segundo século da era cristã, que Moisés era o Platão dos hebreus e Platão era o Moisés dos gregos. E por que não incluir nesta lista, além de Platão, Homero e Hesíodo, Confúcio e Maomé, Ésquilo, Aristóteles, Cícero, Sêneca e mil outros? Não existe pensador, mestre, cientista ou artista que não tenha servido ou não possa servir ao Reino de Deus. Nem Nietzsche nem Marx podem escapar a este destino. Não existe esportista o clown que não possa oferecer uma pitada de alegria relativa ao Reino de Deus. E tudo isso sem esquecer os mestres que foram próprios do cristianismo e que podemos colocar entre os maiores protagonistas da história da missão. Eles foram leigos e clérigos, poetas e teólogos, historiadores e cientistas. Vão de Orígenes a Agostinho, de Basílio a Anselmo, de João Crisóstomo a Tomás de Aquino, a Dante, a Descartes, a Leibniz, Kant e Hegel, a Rousseau, Goethe, Chateaubriand, Joyce e Thomas Mann.

Um provérbio chinês afirma que “se os reis são honrados nos seus países, os mestres são honrados em todos os cantos do mundo”. O nosso problema é saber que os mestres da humanidade são inúmeros e incontáveis e que eles, com seus ensinamentos positivos, começaram a trabalhar pelo Reino de Deus muito antes que tivéssemos esta idéia, muito antes do próprio cristianismo existir. Levaram os povos ao cristianismo ou levaram o cristianismo aos povos, não havendo diferença entre as duas funções. É fundamental que os vejamos como aliados e não como concorrentes e coloquemos entre eles os pregadores evangélicos que ontem e aos nossos dias espalharam e espalham

suas vozes pelo ar e pelos mais variados areópagos do orbe terrestre. Eles sabem aproveitar o media melhor do que nós e falar de um Reino de Deus que não deveria ser nem católico nem evangélico, nem budista nem islâmico, mas todo e somente da família trinitária.

-07-

05. Missão como organizar e instituir. Tratamos aqui dos mais altos responsáveis da atividade missionária ou da missão vista do lado de quem programa, autoriza e consagra. Tratamos de papas e bispos, de abades e enviados oficiais, de reis, rainhas, príncipes e seus embaixadores. Ao tempo de Jesus, os grandes da terra –Herodes, Pilatos e o Sinêdrio- se recusaram a reconhecer em Jesus o enviado do Pai, o modelo do Reino e o seu realizador. Mas ao longo da história não foi sempre assim. Houve muitos outros Pilatos e Herodes, mas também reis, rainhas, príncipes e imperadores que agiram do modo oposto. Se conta que Tibério, o primeiro sucessor do imperador e sumo pontífice Augusto, teve olhares de simpatia e de respeito para o cristianismo nascente e assim aconteceu com alguns outros como Felipe o Árabe e Alexandre Severo, originários do oriente médio, e, talvez, Aureliano, até chegarmos ao caso clássico de Constantino. Hoje exaltamos Constantino com muitas reservas, restrições e até maldições. Mesmo assim, ninguém pode negar que o reinado dele foi fundamental para a expansão do cristianismo e o seu enraizar-se no mundo. O fato dele ter identificado o império romano com o Reino de Deus não deve admirar mais de tanto. Se como pagão representava os deuses todos que patrocinavam o império, por que não poderia fazer isso representando, como ppcristão, o Deus da Bíblia? A crença que os chefes dos povos fossem escolhidos pelos deuses existia desde milênios e se encontrava tanto na Bíblia quanto no pensamento de muitas religiões. Somos pois acostumados a pensar que somente o papa represente Deus. É um erro grave. Os pais, os mestres, os responsáveis dos povos representam a Deus na medida em que querem e atuam em vista do bem comum, embora não sejam autorizados a falar em nome dele. Todo cristão e, enfim, qualquer criatura humana representa Deus salvo na hora em que o desonra com uma conduta iníqua.

Ao longo de toda a idade média (séc. V-XV) reis e rainhas continuaram a ocupar, em nome de Deus, os primeiros lugares entre os povos. Só não podiam se colocar acima do papa e era muito mais funcional aos interesses deles e dos povos se tomavam o poder com sua benção e autorização. O primeiro caso que conhecemos remonta ao papa Gregório Magno (590-604) e a rainha Teodolinda dos Longobardos, uma tribo batizada pelos arianos e convertida ao

catolicismo por um acordo entre o papa e a rainha. Mas os méritos missionários de Gregório Magno, um dos maiores papas da história (10), não se limitam nem à conversão dos Longobardos nem ao envio de quarenta monges beneditinos,

-08-

seus confrades, a evangelizar a Inglaterra. Já falamos deste fato e agora queremos acrescentar algo de muito mais extraordinário e fantástico. Gregório Magno respondia, frente ao império de oriente, pelo governo da cidade de Roma e de boa parte da Itália, e recebia de Constantinopla poderes, honras e guarnição militar, mas sofria por não poder tratar e fazer a paz com os povos que, vindo do norte, invadiam a França, a Itália e a península ibérica. O que era melhor para ele e para o Evangelho? A proteção imperial dos bizantinos ou um relacionamento cristão com os povos que procuravam pão e terras para morar e trabalhar? Gregório decidiu pela segunda hipótese e abriu os braços para acolher os que de inimigos se tornariam amigos, irmãos e súbditos cristãos. Gregório renunciou à força jurídica e militar do oriente para jogar-se na aventura da insegurança e da fraqueza que o encontro com os invasores implicava. Mas deu certo, pois assim colocava as bases para a conversão das populações nórdicas e a formação da Europa.

Em seguida, a história de Constantino ou de Teodolinda e Gregório veio a repetir-se em outras variadas formas: com Carlos Magno a respeito de numerosas tribos da Europa central, embora devamos marcar a atividade missionária do imperador franco com restrições muito maiores das que somos acostumados a jogar por cima de Constantino e sucessores; com Estevão rei da Hungria e patrocinador do batismo do seu povo em massa e outros reis ou príncipes seus contemporâneos: Boris na Bulgária, Canuto na Dinamarca, Olaf na Noruega, Boleslao na Polônia e Vladimir na Ucrânia.

Uma palavra a parte merecem os casos de Portugal e Espanha, pois fazem parte da nossa história brasileira e latino-americana. Os papas da renascença tinham imensa simpatia por dois reinos que afirmavam de levar o Evangelho tanto aos antigos povos da África e da Ásia quanto as tribos indígenas do continente americano recém-descoberto. A Igreja precisava destas aberturas expansionistas e supostamente honestas, pois sofria por graves brigas internas e, mais ainda, pela ameaçada ruptura com os países católicos do norte da

Europa. Por isso, desde a primeira metade do séc. XV, encorajou antes de tudo, nas suas viagens ao longo da costa ocidental africana, o príncipe Henrique de Portugal. Este era Grão Mestre da Ordem de Cristo –um paralelo português da Ordem dos Templários- e as velas dos seus navios dominavam as beiras do Atlântico com uma imponente cruz de Cristo. O que ele queria mesmo era plantar a grande cruz nas terras que visitava e com as quais atuava vistosos intercâmbios comerciais. Mas era profundamente religioso ao ponto de nem sequer aspirar ao trono de Portugal e o papa da época lhe confiou o patrocínio do trabalho missionário em todas as terras que teria visitado ou conquistado.

-09-

Um patrocínio que, em seguida, iria passar para os reis de Portugal até chegar nas mãos de Dom Pedro II, imperador do Brasil (11). Um patrocínio que era ao mesmo tempo uma grande honra e uma maior responsabilidade. Um patrocínio que hoje em dia não seria concedido a nenhuma autoridade eclesiástica, fora o papa. O príncipe Henrique exercitou este patrocínio em maneira bastante honrosa, embora alguém suspeite que se tenha servido dele até para comerciar escravos, mas não foi o mesmo com seus sucessores, pois todo rei de Portugal que, automaticamente, se tornaria Grão Mestre da Ordem de Cristo teria enxergado com avidez e astúcia os tantos interesses que com aquele patrocínio teria podido satisfazer, especialmente a partir da decisão que, assinada por papa Alexandre VI, teria levado Espanha e Portugal ao tratado de Tordesilhas (12).

Desta forma, enquanto à Espanha e Portugal era reconhecido o direito de conquistar o mundo e fazer dele dois impérios parecidos, os respectivos reis tinham o dever e o direito de propagar a lei de Cristo nos mesmos territórios. Um direito que se chamou de “padroado” e que, embora com imponentes ambigüidades, serviu de pano de fundo para trazer para cá um cristianismo que outros continentes nos podem atualmente invejar.

Uma palavra a parte mereceria nesta aventura toda o descobridor Cristóvão Colombo. Ele partia sim com equipamento recebido de Fernando e Isabel de Castela, mas também com fortes subsídios materiais entregues a ele por Inocêncio VIII, papa genovês da época (1484-92). Inocêncio queria que Colombo trabalhasse antes de tudo pela Igreja ou, diríamos nós, pelo Reino de Deus. Pelo diário que Colombo deixou não percebemos nele alguma tensão pela conquista ou pela ganância, mas somente a teimosia de chegar às Índias

pelos caminhos do ocidente e aí encontrar povos aos quais teria feito conhecer o Cristo do Evangelho.

Foi durante a vigência do patrocínio ibérico (Espanha e Portugal) sobre as missões que aqui na América Latina se deram fatos de grande interesse pela história da missão. No século XVII e XVIII, e em oposição pelo menos implícita aos interesses político-econômicos dos dois impérios, os missionários de várias ordens, mas sobretudo jesuítas, ofereceram exemplos de excelente capacidade organizativa. Queriam que os povos indígenas se sentissem livres da dominação e exploração estrangeiras e tentaram, com eles, organizar estados ou províncias politicamente independentes. As experiências assim chamadas de “reduções” na região em que se cruzavam Brasil, Argentina e Paraguai, e de “aldeamentos” aqui na Amazônia, tinham uma dupla finalidade: ensinar aos indígenas a viver em sociedades ou comunidades que fossem semelhantes às dos primeiros cristãos e

-10-

fazer sentir a eles o gosto da liberdade e da autonomia criativa. Para dar um fim a estas experiências ameaçadoras para os poderes constituídos foram necessários exércitos e canhões da Espanha lá no sul, drásticas e ignóbeis decisões do primeiro ministro português, o Marquês de Pombal, aqui na Amazônia (13).

Termino este item quinto da nossa reflexão acenando a uma radical transformação que a atividade missionária veio a gozar com a organização do Instituto de Propaganda Fide por mão do papa Gregório XV em 1622. Com aquele Instituto, que é chamado agora Congregação para a Propagação da Fé, o papa enfraqueceu pouco a pouco o poder de Espanha e Portugal sobre o trabalho missionário nas Américas, Ásia e África e confiou aos missionários de todas as marcas a função de instituir, ou organizar, paróquias, dioceses ou igrejas em todos os países do mundo. Centenas e milhares de missionários se transformaram de pregadores da Boa Nova em párocos, bispos e cardeais, conferindo aos territórios de missão o pleno status de Igrejas autênticas e oficiais. Não é possível escolher ou fazer nomes, mas podemos afirmar que a nova situação não somente mudou a condição dos missionários de além mar, mas educou e preparou os povos novos a se transformar de colônias em estados autônomos e livres (14).

06. Missão como enculturar. O que significa enculturar? O conceito é bastante moderno e indica o empenho que devemos colocar para nos adequar a uma cultura diferente da nossa. Indica o esforço que devemos fazer seja para compreender uma cultura diferente, seja para assumi-la como se fosse a nossa. É aquilo que se pede a qualquer missionário que chega num país por ele desconhecido, é a consequência do fato que ele rompeu as amarras e se desenraizou da sua costumeira realidade para enraizar-se numa outra. O problema contudo é maior de quanto possa parecer, pois é atravessado por uma outra superior dificuldade: traduzir a Palavra de Deus naquela língua e naquela cultura fazendo com que seja entendida e aceita sem que perca o seu extraordinário valor apelativo e explosivo. De fato, abaixar a Palavra de Deus ao nível de uma outra língua poderia significar a extinção do fogo que ela carrega. Assim como atribuindo a uma expressão qualquer um sentido que ela não pode conter (por exemplo um sentido que é próprio da revelação bíblica) se corre o risco de deixar os ouvintes sem os valores que lhes queríamos comunicar. Numa palavra, quando um missionário não é bem enculturado coloca em perigo de desentendimento tanto o Evangelho que pretende anunciar quanto os seus inculpáveis discípulos.

-11-

Problemas como estes apareceram já no primeiro século do cristianismo e foram resolvidos por pessoas de excelente preparação lingüística e teológica ao mesmo tempo. Orígenes, Clemente de Alexandria, Basílio, João Crisóstomo, Ambrósio, Jerônimo e Agostinho foram os maiores campeões na luta de traduzir termos e valores da revelação nas línguas do seu tempo e, por consequência, foram campeões na luta de elevar a nível cristão termos e valores dos povos que evangelizavam. Pois não podiam limitar-se a resolver problemas lingüísticos. Pela sua competência e coerência purificavam e convertiam os valores pagãos em valores evangélicos, enquanto enriqueciam e ilustravam mais luminosamente as mensagens reveladas.

Este desafio tornou a repetir-se com os irmãos Cirilo e Metódio apóstolos dos povos eslavos e proclamados, com São Bento, padroeiros da Europa. Eram gregos e foram missionar na Europa central entre os povos eslavos e balcânicos. Para que estes povos conhecessem e entendessem melhor a Palavra de Deus, a liturgia e a pregação missionária, os dois irmãos inventaram o alfabeto assim chamado de cirílico, um meio termo entre o

alfabeto grego antigo e o moderno alfabeto russo. O alfabeto cirílico é usado ainda hoje na liturgia das Igrejas ortodoxas da Rússia, Bielorrússia, Ucrânia, Bulgária e Sérvia.

Enquanto a idade média se fechava, indicando caminhos e formas novas de encontrar outros povos e deixando de lado guerras e cruzadas, aparece, por assim dizer, uma nova disciplina teológica toda dedicada ao trabalho missionário. Não tem ainda um nome mas deve ser estudada e aprofundada por clérigos e leigos que entendem converter ao evangelho os não-cristãos. Esta disciplina não fala de enculturação mas trata em longo e em largo das premissas da enculturação. Fala das outras religiões e de como devem ser avaliadas e eventualmente confutadas. Indica as dificuldades que se encontram junto aos povos não evangelizados e oferece diretrizes e conselhos para superá-las. Foram especialistas nestes ensinamentos dois grandes teólogos: Tomás de Aquino com a *Suma contra os pagãos* e Raimundo Lullo, leigo aventureiro e, em seguida, franciscano e místico, com o *Tratado sobre a maneira de converter os pagãos*.

A função tipicamente missionária de enculturar a Palavra de Deus na língua dos povos e, conseqüentemente, de evangelizar a vida deles se tornou imprescindível no século XVI e, precisamente, na hora em que insígnies missionários jesuítas vieram a defrontar-se com a pluri-milenária cultura chinesa. Matteo Ricci (1552-1612) homem de letras e cientista achou seu dever conhecer em profundidade a história, a literatura, a astronomia e outros saberes do império celeste até o ponto de conseguir se hospedar na casa do imperador e se tornar educador do herdeiro ao trono. Era chamado o “sábio do ocidente” e preparava planos para uma inserção sistemática do cristianismo na cultura e na vida do maior povo do mundo.

-12-

Mas não foi bem interpretado por missionários de outras ordens e chegou (post mortem) a ser acusado de autorizar práticas idolátricas pelo simples fato que permitia aos cristãos a queima de incenso em honra dos falecidos. A sua maravilhosa experiência foi assumida e levada para frente, durante alguns tempos, por outros jesuítas: Adam Schall, alemão, e Fernando Verbiest, belga. O primeiro se tornou mandarim (15) e, visando a conversão do imperador, organizou na corte uma associação de damas cristãs. O segundo se dedicou a formação do clero nativo e tentou introduzir a língua chinesa na liturgia e na teologia (16).

Um outro grande jesuíta se distinguiu no campo da inculturação, embora de outra forma e de um ponto de vista mais sutil ao mesmo tempo. Trabalhando na Índia não se contentou em falar, vestir, comer e comportar-se como um

hindu, mas se fez em tudo e por tudo um *brâmane*, ou seja um membro da mais alta casta hindu designada para exercer o sacerdócio e dedicar-se à meditação e ensino dos *vedas* (17).

Aos nossos dias a enculturação se constitui num dos maiores problemas da evangelização e não somente para quanto diz respeito aos povos não evangelizados. Diz respeito também aos batizados que, passando do interior para a vida urbana, encontram dificuldades enormes em viver aí seu cristianismo de características camponesas. Diz respeito também aos católicos urbanizados quando estes, por ter assumido um estilo de vida que seja de acordo com a visão pos-moderna e tecnológica da realidade, não sabem conciliar tudo isso com as atitudes religiosas herdadas do passado. Isso pode querer dizer que todos nós somos chamados a enfrentar, a partir da nossa situação, cultura e função, o problema da enculturação do evangelho na complexa, intrincada e multifacetada realidade do mundo atual.

Uma particular atenção merece neste campo o estudo e a revalorização das religiões. A dizer de teólogos e missionólogos, elas guardam valores evangélicos e podem se tornar nossas aliadas no projeto de evangelizar o mundo atual. Elas poderiam reclamar de nós mais que um diálogo. Por que não prospectarmos com elas um ecumenismo das religiões?

07. Missão como libertar. Os livros do Novo Testamento falam de vários condicionamentos dos quais Jesus e os apóstolos libertavam os aflitos: do pecado, da doença, da cegueira, da surdez, da paralisia, da escravidão e, naturalmente, da morte. Libertavam de condicionamentos físicos e psicológicos não somente para dar aos infelizes saúde e alegria de viver, mas sobretudo e mais ainda para conferir-lhes independência dos poderes abusivos e subtraí-los aos constrangimentos desumanos a que eram destinados em base a preconceitos e

interesses escusos. Numa palavra, para Jesus e os apóstolos a libertação dos doentes, pobres, prisioneiros, dependentes e oprimidos era sinal básico que estavam cumprindo a missão recebida do Pai e, ao mesmo tempo, a promessa que fazia vislumbrar a cada crente a sorte de ser encaminhado para a libertação definitiva.

São emocionantes os dois casos clássicos: de Onésimo, registrado na carta de Paulo a Filêmon (Fm 8-18), e o de Perpetua e Felicidade. Onésimo era escravo de Filêmon amigo de Paulo e, fugindo da casa do patrão na Grécia, se

entrega a Paulo prisioneiro em Roma. Paulo o aceita e, após tê-lo convertido e batizado, o remete para Filêmon. Naturalmente, não mais como escravo recuperado e sim como filho e irmão de ambos os interessados: Paulo e Filêmon.

Perpetua era a escrava, Felicidade a sua patroa. Interrogada pelo juiz se por acaso não tivesse alguma queixa contra a patroa, Perpetua responde: “Nós não somos mais escrava e patroa. Desde que recebemos o batismo, somos irmãs”.

Para os primeiros cristãos a vitória contra a escravidão tinha que vir do coração deles mesmos, da sua maneira de pensar e viver, antes que viesse das leis do estado no século VI.

Bem outras injustiças sociais foram enfrentadas corajosamente pelos primeiros cristãos e combatidas ou demolidas, mas não a partir de sindicatos ou brigas pelos direitos humanos. Foram enfrentadas e demolidas a partir da liturgia, da eucaristia e reuniões fraternas. Após ter partilhado a pão e a graça entre eles, se dividiam em equipes e iam resolver problemas sociais. Talvez o celebrante dissesse para as equipes: “ide, é a missão”. E a missão era que cada grupo organizado na Igreja ao fim da ceia se metesse logo a caminho dos presos, dos doentes, dos sem teto, dos órfãos, das viúvas e dos idosos levando a todos assistência, conforto, comida, remédios e promessas de solidariedade em vista da vitória final.

No abrir-se do século XIII, o mais luminoso de toda a idade média, duas ordens religiosas foram fundadas para que seus membros se dedicassem à libertação dos cristãos aprisionados ou escravizados no norte da África e oriente médio: os trinitários e os mercedários. Tanto os primeiros quanto os segundos chegavam ao ponto de se entregar e ficar escravos em lugar dos irmãos que, desta maneira, conseguiam a libertação.

Quando estudamos a história dos séculos XVI e XVII somos acostumados a parar e refletir constantemente sobre os determinantes acontecimentos da reforma e contra-reforma. Em particular nos sentimos atraídos ou repelidos pelas grandes e rigorosas decisões que, no Concílio de Trento, foram tomadas pela ferida e humilhada Igreja Romana.

Colocando-nos a favor ou em atitude crítica em relação àquelas tomadas de posição dogmáticas e disciplinares, esquecemos de levar em consideração os grandes movimentos libertários que apareceram e vigoraram a partir daquela época. Eram movimentos que, reagindo à situações perigosas e pouco decifráveis em que se encontrava o cristianismo oficial, entendiam restaurar

pela raiz a vida cristã e a vida religiosa, começando pela prática de uma caridade irrestrita e libertadora. João de Deus e Camilo de Lellis são dois santos muito parecidos. Ambos foram soldados de ventura e ambos foram obrigados a se curar em hospitais que tratavam os doentes em maneira desrespeitosa e até desumana. Ambos decidiram de fundar uma congregação que se dedicasse com caridade cristã a libertar os doentes de seus males. Os *Fazei-bem-irmãos* e os Camilianos (18), espalhados pelo mundo a fora, inclusive no Brasil, se dedicam ainda hoje, com caridade, ciência e modernidade a restaurar a saúde dos aprisionados por qualquer doença.

Ângela Merici pode ser considerada a santa que libertou a mulher para o apostolado pastoral e evangelizador, antecipando de cinco séculos as idéias atuais a respeito da mulher e das suas funções na sociedade e na Igreja. Ângela gostava muito de dedicar-se ao serviço de Deus na vida religiosa, mas não nos mosteiros de clausura. Ela gostava de viver rigorosamente a vocação cristã mas a contato com a realidade. Pensou assim de fundar uma ordem religiosa de freiras que vivessem entre o povo e a serviço do povo. Não queria somente libertar o povo de erros, pecados e doenças, mas as próprias religiosas tradicionais do costume de uma clausura praticamente imposta e nem sempre por nobres e plausíveis motivações (19). Fundou assim a primeira ordem das ursolinas que, após a morte da santa, foram obrigadas a voltar para a clausura e a dividir-se em numerosas famílias regulares tantas quantas eram as casas religiosas que apareciam em forma de mosteiros independentes. Somente no século XIX as tantas ursolinas puderam começar a sair de seus mosteiros e dedicar-se aos problemas do povo, inclusive nas terras de missão (20).

Vicente de Paula foi outro libertador de prodigiosos braços abertos. Sua Paixão eram os pobres que chamava de seus donos, os presos, os incuráveis, os famintos. Salvou a França da fome e instituiu quatro famílias religiosas para a assistência e promoção dos pobres. A mais curiosa entre as quatro é chamada das IRMÃS da Caridade. Porém, por medo que fossem reconhecidas como religiosas regulares e obrigadas pela autoridade eclesiástica a se fechar na clausura sem poder servir aos pobres, Vicente superou o obstáculo por meio de um estratagema formidável: ordenou que as irmãs não emitissem votos perpétuos, mas se contentassem com votos temporários a serem renovados secretamente

Cada ano. A família das Irmãs da Caridade sempre foi e ainda é a maior ordem religiosa feminina da Igreja Católica.

No século XIX as relações entre o nascente estado italiano e a Igreja eram bastante críticas. O papa Pio IX chegou a se considerar prisioneiro do governo

italiano, a partir do momento em que lhe foi tirado o domínio sobre a cidade de Roma e foi obrigado a retirar-se na fortaleza do Vaticano. Mas, ao ficar sem poder nenhum sobre o território italiano, o papa e a Igreja Católica adquiriram um poder moral extraordinário sobre o mundo inteiro. De fato, o século XIX foi o mais missionário de toda a história pelo surgimento quase improvisado de novas e numerosas congregações missionárias masculinas e femininas. Os missionários do Verbo Divino na Alemanha, os do Sagrado Coração, os Padres Brancos, os de Maria Imaculada e os Maristas na França, os Salesianos, os Combonianos, os do PIME e os Xaverianos na Itália são somente as mais conhecidas agremiações missionárias que tiveram origem naquela época. Mas surgiram outras famílias missionárias masculinas na Bélgica, na Irlanda, na Espanha, na Suíça, na Inglaterra, no Canadá e nos Estados Unidos, enquanto foram muito mais numerosas para não dizer incontáveis as congregações missionárias femininas sem mais a imposição da clausura.

Todas estas mais recentes criações missionárias se dedicaram à evangelização em numerosas partes do mundo, mas com atitudes e equipamentos nunca vistos antes. Não partiram de acordo entre si, mas todas se deram ao trabalho da libertação, sem que esta palavra fosse utilizada por elas. Enquanto Daniel Comboni, canonizado em 2003, e os combonianos faziam questão de libertar os africanos da escravidão, uma praga que na África grassava desde séculos e ficava cada vez maior, os outros missionários todos, mulheres e homens, queriam despertar os povos para maneiras novas de viver. Não eram suficientemente informados sobre as culturas dos povos que encontravam e pensavam que a maneira européia ou ocidental de conduzir a vida fosse a melhor do mundo pelo simples fato que era tecida de cristianismo e perspectivas cristãs. Achavam que as outras civilizações eram atrasadas e incapazes de criar homens autênticos e cristãos ao mesmo tempo e precisavam de reformulação e de muitos acréscimos a serem deduzidos da história e atualidade do mundo cristão. É difícil dizer até que ponto estavam errados ou certos. Podemos admitir que muitos deles fossem influenciados pela forte tensão ou febre colonialista dos seus países de origem, mas isso não afetava nem diminuía o valor de seus empreendimentos libertadores: hospitais, orfanatos, abrigos, escolas, universidades, jornais e até partidos políticos foram organizados por missionários e missionárias sem medir sacrifícios, entusiasmos e até heroísmos.

Com o fim da segunda guerra mundial (1945) e a admissão dos países colonizados à independência política, a maioria dos missionários e missionárias perceberam o erro de ter servido involuntariamente os países colonizadores e

tiveram a coragem de se meter ao lado das vítimas. Não foram poucos os que aderiram às lutas pela independência e ajudaram os países do terceiro mundo não somente a obtê-la mas também a madurecer e se munir de legislações adequadas aos novos tempos.

O8. Missão como transformar. Voltamos agora ao batismo para vermos melhor aquela segunda maneira de apreciá-lo. Dizíamos que o batismo pode ser entendido como direito a entrar no céu –então como algo de mágico ou mecânico- ou como força renovadora e transformadora da própria natureza humana, então como novo nascimento e nova inserção no mundo e na sociedade. É este o batismo que nos imerge no sistema trinitário de vida e nos envolve no propósito de arrastar a humanidade toda até aquele tipo de vida de comunhão seja neste mundo da história, seja no Reino de Deus trans-histórico e definitivo. Este batismo chamado também de “Espírito Santo” ou de “missão” não se limita pois a uma renovação ou transformação dos indivíduos mas opera e se reflete eficazmente nos grupos. Este batismo transforma a família numa igreja, a associação numa fraternidade, o bairro numa comunidade, o município numa paróquia ou comunidade de comunidades.

É curioso constatar que Jesus nunca tinha recomendado aos apóstolos e discípulos de reunir-se a viver em comunidade. Foram os próprios apóstolos e discípulos a ver na comunidade o primeiro passo a cumprir, o primeiro pressuposto que os tornaria capazes de viver os mandamentos de Jesus. Precisavam viver em comunidade para que Jesus pudesse tomar seu lugar no meio deles, para que pudessem continuar a praticar seus ensinamento e, mais ainda, para que pudessem reencontra-lo na hora do seu retorno definitivo e fossem arrebatados com ele até o céu. Vivendo em comunidade e, então, na justiça, na partilha dos bens e na igualdade dos direitos, os batizados mereciam a salvação, ou seja o privilégio a se re-encontrar com Jesus e passar a viver, ao lado dele, no seio da Santíssima Trindade.

Até quando durou este cristianismo modelado no sistema trinitário de vida? Talvez tenha chegado até o terceiro século, mas perdendo pouco a pouco as características que lhe são atribuídas nas primeiras páginas dos Atos dos Apóstolos. Normalmente nós somos até muito indulgentes com esta mudança na conduta cristã. Pobrezinhos dos primeiros cristãos, como è que teriam podido prosseguir na partilha dos bens numa sociedade que, procedendo em sentido oposto, procurava com todas as forças a acumulação dos bens na mão de poucos? Sem perceber que, desta forma, estamos desculpando mais a nós do que aos primeiros cristãos, somos informados que o sistema trinitário de vida foi

retomado no mesmo século terceiro, com muito rigor, pelos batizados que protestavam contra o desleixo dos costumes cristãos e fugiam para o deserto. A vida religiosa criada por estes trãsfugas era uma tentativa de restaurar ao pé da letra a proposta evangélica nas suas exigências radicais e globais.

A fuga e a criatividade dos monges cristãos salvou com certeza a proposta evangélica e esta passará em seguida a todas as organizações religiosas semelhantes, inclusive às entre elas que são mais modernas e incluem os movimentos apostólicos dos nossos dias. E foi na vivência do sistema comunitário que os monges beneditinos, e outras ordens deles derivadas, se deram a educar os povos europeus, fazendo-os voltar ao trabalho dos campos, ao artesanato e às organizações comunitárias. Foram as ordens monásticas que sugeriram aos povos da idade media as associações profissionais, as confrarias em nome de santos ou mistérios da fé (21) e o próprio sistema político das comunas. As mesmas ordens religiosas mantiveram sempre alta a bandeira do sistema trinitário e inspiraram no povo cristão rebeliões, insurreições ou tentativas de obter consideração e respeito na sociedade tanto religiosa quanto civil. Pediam de viver o Evangelho ao pé da letra e queriam que fossem anuladas as diferenças e distâncias entre leigos e clérigos e que estes fossem obrigados a viver em comunhão com os pobres e o povo em geral. Todos estes movimentos foram apagados com excomunhões e canhões (22), mas reapareceram em formulas políticas nos séculos XIX e XX. Somos autorizados a dizer os maiores males sobre marxismo, comunismo, socialismo ou castrismo, mas ninguém pode negar que todos estes movimentos tinham e tem uma dimensão bíblica inconfundível. Eram ou são movimentos que pretendem instaurar a justiça e a igualdade, embora façam isso aparentemente contra Deus ou contra as religiões. Mas sejamos honestos, não propriamente contra o Deus Trinitário da comunhão total, mas contra o Deus manipulado por nós cristãos e reduzido a nossa imagem e semelhança. Me lembro de um autor francês (Tresmontant) que afirmava que toda vez que os cristãos se esquecem de propor e encarnar seus maiores ideais, estes são assumidos pelos adversários do cristianismo em formas de extremismos inaceitáveis ou execrandos.

Aos nossos dias existem chefes de governo que querem elevar o nível da escolarização e querem dividir a terra, o trabalho, a saúde, as casas e o pão de cada dia. O programa “fome zero” tem uma profunda inspiração evangélica e, se conseguirmos realiza-lo, teria uma inimaginável repercussão em todas as sociedades do mundo atual. Teria um potencial missionário incrível e se tornaria um anúncio do Reino muito mais qualificado que tantas missas, adorações e procissões, crismas e primeiras comunhões.

sistema trinitário de vida, à instauração de um mundo novo em nome da comunhão entre Deus e os homens. Penso em Paulina Jaricot, uma das novas santas dos nossos tempos, e à “obra da propagação da fé” por ela introduzida na Igreja em socorro aos missionários lançados aos quatro ventos pelas estradas do mundo. Foi na linha de Paulina Jaricot que surgiu o costume de ajudar os missionários e missionárias com ofertas em dinheiro, com jornadas missionárias nas paróquias e com outras mil maneiras de fortalecer e expandir a atividade evangelizadora no mundo. Foi na linha de Paulina Jaricot que nos países de missão puderam ser construídos hospitais, escolas, hospícios, conventos, seminários, capelas e catedrais. Foi na linha de Paulina Jaricot que milhares de leigos se meteram a disposição da missão no mundo inteiro e estão atualmente dando sua própria vida para ver os povos do terceiro mundo crescer e progredir. Foi na linha de Paulina Jaricot que apareceu a mística das Igrejas irmãs, do intercâmbio de pessoas e forças entre Igrejas de países e continentes distantes, a iniciativa das adoções a distância e, então, de uma partilha dos bens a nível mundial, embora de forma miúda e aparentemente pouco eficaz.

Não posso terminar este item sem acenar a uma idéia contida na circular de papa Paulo VI sobre o Anúncio do Evangelho. A um certo ponto da carta o papa diz que não é suficiente evangelizar pessoas ou grupos, pois veio a hora de evangelizar em profundidade os fenômenos humanos, os estrados da realidade atual, tais como o mundo do trabalho, o mundo da justiça, o mundo da comunicação, o mundo da política, da educação, dos esportes e da arte...Estes mundos todos que não estão longe de nós, mas entorno e dentro de nós, não exigem que viajemos para outros continentes mas exigem que saibamos sair de nós mesmos no sentido de sairmos da rotina, da obviedade, das atividades burocráticas e estandardizadas, da cômoda tradição e dos programas pré-fabricados (23). Parece indicar os mesmos horizontes o papa João Paulo II ditando uma outra circular à Igreja universal: “A missão do Redentor”. Para ele os normais campos da atividade missionária são hoje: os âmbitos geográficos tradicionais chamados áreas de missão, os âmbitos de problemática social (periferias, favelas, imigrações, desemprego, miséria) e os “novos areópagos” ou seja aqueles mundos da cultura, política, ciência, tecnologia, consumismo e comunicação que ignoram ou até desprezam o assunto religioso (24).

09. Missão como amar e testemunhar. Quem me inspirou este último item das formas históricas da missão foram em primeiro lugar Santa Terezinha do Menino Deus e, em segundo lugar, os mártires de todos os tempos, especialmente os que são associados ou associáveis à atividade missionária. Terezinha de Lisieux

-19-

nunca foi missionária e viu o mundo somente a partir da janela do mosteiro das carmelitas. Mesmo assim foi declarada pelo papa Pio XI padroeira de todas as

missões. Na base de que? Na base da sua simpatia e amor para com os missionários. Para que fossem fortes nas suas caminhadas, ela oferecia o sofrimento da sua imobilidade e indisponibilidade a operar. Para que fossem corajosos na sua criatividade e empreendimentos, ela oferecia a Deus a sua fraqueza e seus humildes afazeres domésticos. Para que tivessem resistência em seus propósitos e projetos, ela oferecia suas mortificações e pequenos sacrifícios cotidianos. Ela escrevia a vários missionários que tinha conhecido, assegurando-lhes que queria acompanhá-los e sustentar em tudo.

Junto com Terezinha de Lisieux eu gostaria lembrar as inúmeras e incontáveis zeladoras missionárias das paróquias da Europa e, com elas, todas as mães e pais que permitiram a seus filhos de abandonar a família e dirigir-se aos países de ultramar por causa do Reino. Minha mãe não pertencia a nenhuma associação católica, a nenhuma ordem mesmo que fosse laical, mas no seu coração guardava o mundo inteiro e recomendava diariamente a Deus todos os missionários e missionárias que estivessem agindo nas terras mais longínquas. Meu pai era preocupado com a minha vocação missionária, pois tinham passado sete anos da minha ordenação sacerdotal e eu ainda ficava viajando pelas regiões da Itália. Outros dois padres originários da minha paróquia, mais jovens do que eu, tinham já atravessado os mares e, por causa deles, meu pai se sentia como inferior e menos afortunado em comparação com os pais deles. Pouco antes de deixar esta terra me confessou: “Meu filho, teria gostado tanto ver você partir para a missão antes que chegasse este dia”.

Faz uns vinte anos que a Europa está sendo invadida por imigrantes de todos os continentes, um fato que muito antes já tinha acontecido para com o Brasil, os Estados Unidos e quase todos os países das Américas. Enquanto esta novidade inesperada horroriza muitos, a partir dos próprios governos e facções políticas, há comunidades inteiras, paróquias, dioceses e entidades caritativas que os acolhem com carinho e lhes oferecem moradias, trabalho e outras

condições de vida. Considero que estes grupos ou simples indivíduos generosos já estão pisando com os dois pés no caminho da missão rumo ao Reino e antes de saber qual seja a religião dos recém-chegados. Pois estes comportamentos revelam o amor cristão e o amor cristão é muito mais penetrante do que todas as conversas e diálogos sobre as religiões. Tendo em vista esta situação inesperada e um pouco desorientadora que nos obriga a encontrar raças, culturas e religiões diferentes na porta de casa, na praça, no lugar do trabalho ou na escola, um missionário conhecido entre nós, o padre Rafael Donneschi já pároco em vários lugares da diocese de Bragança do Pará, assim anotava no semanário diocesano da sua terra:

-20-

“A esta altura do campeonato, ou somos missionários a toda hora e em todo lugar

do mundo, ou nunca o somos”.

Não posso, finalmente, fechar a reflexão sobre esta provisoriamente última forma

histórica da atividade missionária sem fazer um referimento explícito aos cristãos que, em todas as idades e todos os continentes, souberam amar e testemunhar até o ponto de dar a sua vida pelo Reino de Deus. Os mártires dos primeiros tempos com seus testemunhos convertiam mais pagãos do que todos os livros e todas as catequeses. Às vezes eram os próprios juizes ou algozes a se converter. Ainda quando seminarista, uma paróquia interiorana da diocese de Piacenza me encomendou de compor um hino em honra de São Genésio a fim de que fosse

musicado e cantado na festa do padroeiro. Assim vim saber que o martirGenésio tinha sido mimo e ator e se converteu no palco, na hora em que, com seus gestos de palhaço, fazia gozação do comportamento dos cristãos durante as perseguições.

Ao longo da bimilenar história da missão nunca faltaram mártires e seria impossível traçar uma lista de todos eles. Só gostaria lembrar os mártires missionários dos últimos quarenta anos. A maioria deles foi executada em terras da África (24), mas houve vários casos também em outros continentes, inclusive na Europa e, sobretudo, na América Latina. Me refiro aqui às vítimas das ditaduras que fizeram brilhar as Igrejas do Continente e as podem ter munido de um potencial missionário por enquanto insuspeitado e inexplorado. Tenho a certeza absoluta que o martírio de dom Romero encerra mais força missionária do que todas as instituições eclesiais, todos os livros de teologia e todos os programas pastorais que amontoamos a toneladas nas nossas prateleiras. E deveríamos partir de dom Romero e outros

mártires propriamente nossos para descobrirmos quais deveriam ser os caminhos missionários da Igreja brasileira e de outros países latino-americanos.

Savino Mombelli (25)

Belém, 1º de novembro de 2003.

-21-

NOTAS

1. Cfr. Bruno Forte. A ESSÊNCIA DO CRISTIANISMO. Vozes, 2002, p.45 e ss.
2. Ouvida a pregação de Francisco, o sultão do Egito teria exclamado: “Se todos os cristãos fossem como você eu me faria logo batizar”.
3. Durante o capítulo das “esteiras” Francisco subiu no teto de um barracão que tinha sido montado para abrigar os frades capitulares que chegavam de toda a Europa e se deu a destelhá-lo com força e rapidez, gritando: “Nós não podemos ter moradias”.
4. É João de Montecorvino. Permaneceu 34 anos na China construindo igrejas, traduzindo textos litúrgicos e bíblicos em língua tártara, formando clero autóctone e batizando 30.000 chineses. Cfr. AA.VV. DUEMILA ANNI DI AVVENTURA MISSIONÁRIA. Em “Missioni Consolata”, julho/ agosto de 2000, p.28.
5. Colhi esta notícia num livro de Roque Schneider, jesuíta brasileiro, sobre a vida de S.Gaspar Del Búfalo, fundador dos Missionários do Sangue de Cristo.
6. O sair de si mesmos é relativo à pessoa, à sua cultura, religião e história. Os brasileiros tem que descobrir o modo dos brasileiros saírem de si mesmos.
7. Esta versão da fórmula batismal é proposta pelo biblista italiano Alberto Maggi.

8. O grande jesuíta António Vieira achava que o Império Português era o próprio Império de Cristo.
9. Ouvindo estas coisas dos xaverianos que voltavam da China, durante os anos 1950/52, me perguntava como se podia justificar um procedimento tão discutível.
10. Segundo um historiador católico americano foram somente dois os papas eminentes da história: Gregório Magno e João XXIII. Cfr. Richard P. McBrien. OS PAPAS de S. Pedro a João Paulo II. Loyola, 2000, p.436/37.
11. Dom Pedro II teria renunciado ao privilégio do “padroado” durante a “questão religiosa” (1873/75) e em vista de resolvê-la.
12. O tratado de Tordesilhas, sugerido pelo papa Alexandre VI e assinado por Espanha e Portugal em 1494, dividia o mundo em duas partes: ao leste do meridiano 50 teria sido domínio do Portugal, ao Oeste teria sido domínio da Espanha.
13. Um decreto de Pombal, emitido em 1755 e executado pelo irmão dele Francisco Xavier de Mendonça Furtado, concedia o status de “vilas” aos aldeamentos indígenas e passava para o governo colonial a jurisdição sobre eles, enquanto os missionários vinham sendo maltratados, aprisionados e expulsados da colônia. È em base a tal decreto que na Amazônia temos cidades com nomes portugueses: Bragança, Soure, Chaves, Breves, Monte Alegre, Óbidos, Portel, Santarém, Alenquer e vários outros.
14. Conheci um missionário que participou da luta pela independência do Moçambique. Samora Machel, primeiro presidente do país feito livre, foi visitar o sepulcro dele na Itália.
15. Mandarim: homem de poder ou alto funcionário público na China do passado.
16. Cfr. AA.VV. DUEMILA ANNI DI AVVENTURA MISSIONÁRIA. Em “Missioni Consolata”, julho/agosto de 2000, pag.38.
17. Vedas: são os livros da Sagrada Escritura hindu redigidos entre 1800 e 1500 antes de Cristo.
18. Camilianos ou Ministros dos Enfermos, uma ordem de clérigos regulares fundada em Roma em 1582 por S. Camilo de Lellis, enquanto *Fazei-bem-irmãos* é o nome

popular que ganhou a ordem hospitalar fundada por S.João de Deus perto de 1550.

- 19.As famílias nobres ou principescas podiam destinar à clausura as filhas que queriam cortar do direito à sucessão.
- 20.Hoje em dia encontramos ursulinas de várias marcas em numerosas áreas de missão.
- 21.Exemplos: as Confrarias da Boa Morte, do SS.mo Sacramento, do Sagrado Coração, do Divino Espírito Santo, de S.Antônio ...
- 22.Cfr. a história dos Albigenses, dos Cátaros, dos Irmãos da Boémia e outros movimentos religiosos populares que foram perseguidos pela Inquisição Eclesiástica na idade média e na época moderna.
- 23.Cfr. Papa Paulo VI. O ANÚNCIO DO EVANGELHO, 19.
- 24.Cfr. Papa João Paulo II. A MISSÃO DO REDENTOR, 37.
- 25.Nascido na Itália (1928) e ordenado padre na Congregação dos Xaverianos (1955),

Savino Mombelli trabalha no Brasil desde o começo de 1966. Obteve mestrado e doutorado em teologia da missão (missiologia) na Universidade Urbaniana (1968-1971) e se especializou em problemas de desenvolvimento da Amazônia na Universidade Federal do Pará (1973). Ensinou na mesma universidade , no IPAR de Belém e no SENESC de Manaus em áreas de filosofia e teologia. Atualmente ensina filosofia da religião e teologia dos padres da Igreja no IRPF (Instituto Regional para a Formação dos Presbíteros) e se dedica tanto à pastoral quanto a problemas sócio-educativos de infância, adolescência e famílias carentes.